

Alfredo de Sousa (1931-94), economista constituinte
Jorge Braga de Macedo

Honramos a memória de Alfredo de Sousa escassos dias antes de passarem vinte anos sobre a sua morte. Consciente de que cada um dos seus onze sucessores na Reitoria ou na Direção da Faculdade de Economia o evocariam com mais propriedade, aceitei com gosto voltar às raízes da escola onde, em 1976, Alfredo de Sousa me convenceu a reger desenvolvimento económico¹.

Como todos sabemos, através do ensino e formação avançada em língua inglesa, a *Nova School of Business and Economics*, localizada em Lisboa, Luanda, Maputo e São Paulo, irradia a lusofonia global e está prestes a levar a marca NOVA para Cascais. Creio que o fundador tinha essa visão do mundo quando, único deputado constituinte doutorado em economia, lutava contra “as conquistas irreversíveis das classes trabalhadoras” que iriam tolher a liberdade política e financeira dos portugueses e constringer as suas pertenças europeia e lusófona². Sonhou pois a NOVASBE muito antes não só de se constituir a CPLP mas também da lusofonia se tornar económica e abraçar a ciência³.

Pessoa e Obra

Incumbido eu da tarefa de evocar o fundador, pedia a cada um de vós recordasse, ou imaginasse, a pessoa do “seu” Alfredo de Sousa. Para tal, inspire-se no retrato reproduzido em toda a página 261 do livro *Maluda*, publicado em 2008, com o patrocínio da Presidência da República. Diz o prefaciante: “na galeria dos reitores da Universidade Nova de Lisboa, o melhor retrato...é da Maluda”⁴, “exímia retratista” (1934-98), que morreu com a idade do retratado⁵.

FIGURA 1 RETRATO

Começo por recordar a missa de corpo presente na Igreja de Campolide. Para mim, faz parte integrante do espaço cedido à NOVA depois de um árduo trabalho de persuasão junto dos militares de Abril, onde Alfredo de Sousa salientou a importância da educação na inovação e desta no crescimento, como muitos deles haviam lido na sua sebenta de desenvolvimento económico - que descobri quando era cadete em Mafra. Como capa alternativa à original, proponho um dos últimos quadros da

¹ Os sucessores na Faculdade são Jaime Reis (desde Dezembro 1985), Diogo Lucena (desde Fevereiro 1990), Fernando Brito Soares (desde Janeiro de 1992), José Neves Adelino (desde Maio 1999), Luís Cunha (desde Outubro 2002), José Ferreira Machado (desde Julho 2005). A lista dos Reitores foi estabelecida pelo decano quando conferiu posse a António Rendas: Fraústio da Silva e Manuel Laranjeira antes, Esperança Pina, Manuel Pinto Barbosa (que foi director em exercício da Faculdade em 1982/83), Sousa Lobo e Leopoldo Guimarães.

² Resumo o argumento na minha contribuição para o livro de homenagem a António Dias Farinha, no prelo, que apareceu em 2011 como *NOVASBE Working Paper* nº 552.

³ De acordo com os estatutos, a CPLP “é o foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua, da concertação político-diplomática e da cooperação entre os seus membros”. A declaração assinada pelos Chefes de Estado e de Governo de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, reunidos em Lisboa, no dia 17 de Julho de 1996, inclui, entre muitos outros objectivos, a “cooperação económica e empresarial” bem como “no domínio universitário, no da formação profissional e nos diversos sectores da investigação científica e tecnológica”. Timor-Leste tornou-se membro em 2001 e Guiné- Equatorial em 2014, sendo Maurícia, Senegal, Geórgia, Namíbia, Turquia e Japão observadores.

⁴ José-Augusto França adverte ainda que “O retrato é género de má fama”, acrescentando que o de Victor Crespo, também da Maluda, na galeria da Assembleia da República, é “o único bom...igualmente muito sendo de lamentar que ela não tivesse recebido encomenda para a galeria presidencial de Belém”. Citando com gosto o prefaciante, recordo que, para a autora, “o retrato exprime a vaidade humana”.

⁵ A expressão é do Presidente Cavaco Silva na apresentação do livro *Maluda*, 2008.

Maluda⁶, porque me lembra Oakland. Em Berkeley, ali ao lado, doutorou-se Fernando Brito Soares, Director da Faculdade quando morreu o fundador – cuja obra tentou coligir⁷.

FIGURA 2 CAIS

Em 2003, teve aqui lugar a sessão solene de entrega dos prémios e diplomas no 25º aniversário da NOVASBE, na presença do Presidente da República, que saudou “os responsáveis e trabalhadores da Faculdade de Economia, na pessoa do seu atual Diretor Professor Campos e Cunha” além de “aproveitar a ocasião para prestar homenagem a um dos fundadores da Faculdade de Economia, o saudoso Professor Alfredo de Sousa, homem de grande humanismo, a quem esta Escola ainda hoje muito deve...a Faculdade de Economia teve sempre notória preocupação com a qualidade da investigação científica e do ensino que ministrava e com a ligação da escola à vida real da economia e das empresas.”⁸ Seguiu-se a comemoração dos dez anos da sua morte, na qual participaram, além do mesmo diretor, os filhos e o primeiro dos seus antigos alunos, Miguel Beleza, a quem coubera editar a última conferência do mestre e amigo: “Como o texto mostra, apesar da minha interferência, será difícil preencher o seu lugar. Egoisticamente, tenho pena de já não poder discordar de alguns pontos da análise, mesmo que fosse sobretudo para ouvir uma explicação interessante, veemente, apaixonada, se calhar”. A publicação, em 1995, na *Análise Social* - onde tanto escrevera nos anos 60 e que a última conferência evocava em termos de história económica – foi assegurada pelo sucessor de Alfredo de Sousa na Direção da Faculdade, que entretanto migrara para o Gabinete de Investigações Sociais, de onde se aposentou este ano⁹.

Continuando nesta sala, em 19 de Janeiro de 2007, ao dar posse ao atual Reitor, o decano Esperança Pina, querido confrade e amigo, evocou todos os seus predecessores, em particular aquele a quem se deve a NOVASBE porquanto: “organizou e reestruturou a Universidade, tendo o seu desaparecimento causado um vazio dificilmente colmatado, sendo também o fundador da Faculdade de Economia em moldes modernos, a que adicionou um Departamento de Gestão, conhecido e respeitado internacionalmente.”

Em meados do ano passado, José Ferreira Machado, atual *dean*, da geração de Illinois e visionário do *campus* virado para o mar, entendeu recordar os vinte anos através do “Ciclo de Debates Profesor Alfredo de Sousa” que combina empresários e *senior faculty* mais jovem, na linha do que sempre nos dizia o fundador: “qual é o problema de ser catedrático aos trinta anos?”.

Por fim, o Magnífico Reitor disse-me o que fazer no dia da NOVA...

⁶ Lisboa XLVI Cais, 1993.

⁷ João Amador, que incumbiu da tarefa, escreveu-me com os seguintes esclarecimentos que agradeço: “Há 18-19 anos fiz uma recolha das publicações do Prof. Alfredo de Sousa. Não recolhi os textos na íntegra, mas apenas as referências. A ideia era fazer uma recolha posterior para publicar as suas obras”; “Fui brevemente à faculdade e encontrei apenas um envelope com artigos publicados na revista *Valor*. Lembro-me que havia envelopes com outros artigos e uma lista das publicações académicas (de memória parece-me que incluía vários artigos na *Análise Social*, na revista da Ordem e na revista *Economia*). Terei de procurar mais profundamente, mas temo que a dita lista esteja numa *diskette* antiga”. Pela minha parte, anexo uma trintena de referências académicas entre 1958 e 1995 e recordo que, nos anos 80, Brito Soares se destacou pelo acompanhamento operacional da migração do Campo Grande para Campolide.

⁸ <http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/noticias/noticias/discursos-1016.html>, acessível, tal como outras homenagens, em <http://ppplusofonia.blogspot.pt/2009/11/alfredo-de-sousa-recordado.html>.

⁹ Nessa ocasião, Jaime Reis foi homenageado no palacete Henrique de Mendonça. Encontra-se uma listagem dos antigos alunos do ISCEF - Miguel Beleza, António Borges (1949-2013), Manuel Sebastião, João Costa Pinto e Abel Mateus – em <http://www.eumed.net/cursecon/economistas/sousa.htm>. Nesse documento, uma seção intitulada “Uma personalidade controversa” faz-se eco de *discussões vivas com o que chamava “lobby dos associados” (Diogo Lucena, Fernando Brito Soares, Manuel Pinto Barbosa, António Pinto Barbosa, Miguel Beleza – todos professores doutorados naquela altura), discordando muitas vezes da visão mais liberal e anglo-saxónica dos docentes formados nos EUA, que tentavam imprimir uma maior dinâmica no ensino*. Acrescente-se que os quatro primeiros se aposentaram, continuando ligados à Faculdade.

Itinerário da nova economia

Agora que todos podemos sentir a pessoa e a obra, refresco o itinerário profissional de Alfredo de Sousa. Portuense, natural de Miragaia, licenciou-se em Economia pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e doutorou-se em Ciências Económicas (*doctorat d'État*) pela Faculdade de Direito e Ciências Económicas de Paris, com uma tese intitulada *Fonctions de consommation dans les économies africaines*. Aí exerceu as funções de Primeiro Assistente e de colaborador do Centro de Estudos de Desenvolvimento Económico. Com o seu orientador de tese, o célebre economista brasileiro Celso Furtado (1920-2004), escreveu “Perfil da procura e perfil do investimento”.

Foi bolseiro da Gulbenkian e, ombreando com seu colega interdisciplinar Adérito Sedas Nunes (1928-91), membro ativo do Gabinete de Investigações Sociais. O fascínio por África é evidente na altura em que leciona no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina¹⁰. Em 1973, recusa a cátedra no ISCEF, porque deixara de “acreditar no projeto”, migra para o Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, é nomeado vogal da comissão instaladora da NOVA e lança o curso de economia da Católica.

FIGURA 3 POSSE E DESPACHOS

Nomeado Reitor por despacho do Ministro Sottomayor Cardia (1941-2006) de 17 de Novembro de 1977 e exonerado, a seu pedido, por despacho do Ministro Vítor Crespo (1932-2014) de 15 de Fevereiro de 1982, é substituído pelo Vice-Reitor Esperança Pina. Preside à Comissão Instaladora da Faculdade de Economia até Março de 1982, quando é eleito Diretor. Inova logo com o programa de doutoramento em Economia e, em 1980, com o MBA, que confia a Carlos Barral (1926-2008). Apesar de insistentes pedidos dos professores associados para que não abandonasse a escola que criara, custa-lhe levar o mandato até Dezembro de 1985.

Em 1988, funda a *Companhia Portuguesa de Rating* que expande para França e dirige até morrer, reflexo talvez do seu fascínio com a inovação empresarial e modo de aferir as suas consequências para o desenvolvimento económico, já evocados a propósito da transfiguração do Batalhão de Caçadores 5 no coração deste *campus* urbano.

Organiza - com mais três colegas da NOVA, outros tantos do Quelhas e um de Coimbra - o volume de 730 páginas em homenagem a Pinto Barbosa (1917-2006). Francisco Pereira de Moura (1925-1998) queria vetar o título mas Alfredo de Sousa conseguiu convencê-lo¹¹ - transformando a homenagem em sinal de aproximação entre escolas de nova economia. Este papel agregador reforçou-se pela colaboração no *Colóquio sobre Portugal e a Paz*, realizado na Academia das Ciências em 1989, quando o saudoso professor pai presidia ao Instituto de Altos Estudos. Coube-lhe comentar o artigo de Jacinto Nunes (1926-2014), então presidente da classe de Letras, sobre a inerência e os custos da guerra, concluindo com uma rajada de perguntas: “será a violência parte constitutiva da nossa psicologia inata? Não será a guerra o jogo, quase diria o divertimento supremo dos homens?

Esta é uma pergunta angustiante que pode ter uma resposta dramática. Como economista não sei encontrá-la. Só posso pedir a Deus que ela seja negativa.

Termino, assim, colocando em claro a mesma dúvida implícita com que terminou o nosso estimado Presidente” (p.142).

¹⁰Corresponde ao primeiro terço da bibliografia anexa e é confirmado pelo confrade José da Silva Lopes, que, tendo ensinado economia portuguesa no ISCSPU, não se recorda de interagir com Alfredo de Sousa.

¹¹ *NOVASBE Working Paper* nº 577 “António Manuel Pinto Barbosa, Economista e Governante”.

FIGURA 4 NOVA ECONOMIA

Ora o “nosso estimado Presidente” inclui uma série de fotografias em *Memórias Soltas*, 2008, uma das quais abraçando Alfredo de Sousa¹², e escreve que lhe passou a regência de *Teoria e Política do Desenvolvimento Económico* em 1966/67 “recém-regressado de Paris, e a quem me ligavam laços de amizade que permaneceram até à sua trágica morte”(p. 79). A esse respeito, o saudoso Jacinto Nunes, que conheci através de Alfredo de Sousa na preparação da revista *Economia*¹³ foi quem lhe ofereceu a cátedra e me contou a razão da recusa, citada acima. Subjaz o mesmo pronunciamento à conferência sobre os anos 60 quando responde a uma pergunta resumindo a situação no ano terminal: “o presidente da República... dificultava o processo de liberalização caetanista, que começa com a liberalização económica, com um pouco de liberalização da imprensa, liberalização cultural e até liberalização política, quando convidam os deputados liberais para fazerem parte da Assembleia Nacional”.

A sebenta TDE, mostrada acima, continha logo nas primeiras páginas um modo de usar. “A Sebenta favorece a preguiça intelectual dos estudantes...A Sebenta transmite apenas um pequeno conjunto de conhecimentos que o professor, limitado pelo tempo, considerou como mais úteis para ensinar nesta cadeira.” (sublinhado no original). A minha cópia não tem data mas existe outra versão na Biblioteca Almada Negreiros, com estatuto de “raridade”, intitulada *Desenvolvimento Económico e Social* referente a 1970/71¹⁴. TDE ficou célebre pelo tratamento matemático do modelo marxista (pp. 154-239) mas, talvez mais relevante, aí começou o projeto de escrever um manual, que só viria a tomar forma durante o ano sabático de 1982-83 em Stanford¹⁵. O manual, intitulado *Análise Económica*, foi publicado pelos Serviços Gráficos da NOVA em Setembro de 1985, com duas reedições. O modelo marxista desapareceu e com ele a abordagem ao desenvolvimento económico e social, mas o autor ainda cita TDE na nota 288 (p. 530), depois de lamentar na introdução à 3ª edição (p. 18) não ter tratado questões de integração económica.

Momentos definidores

Alfredo de Sousa revelou-se-me economista constituinte da lusofonia global em dois momentos definidores que carecem de enquadramento. Devo a Manuel Barbosa, Yalie depois Reitor Novie, a consciência de que, em 1972/73, Celso Furtado veio a New Haven apresentar um trabalho “escrito com um grande economista português, seu antigo aluno”. Fiquei com vontade de conhecer o co-autor¹⁶. Em Outubro de 1975, tendo entregue o espólio no próprio Batalhão de Caçadores 5, sou chamado ao Salão Nobre da Assembleia da República para me encontrar com o deputado constituinte

¹² Além de reuniões oficiais e de uma com sua mulher, só há mais duas a sós, sem indicação de local: a primeira com Pinto Barbosa (1980), a última com Silva Lopes (sem data).

¹³ Como refiro em “Cidadão economista”, *Nova Cidadania*, no prelo, fui o primeiro secretário executivo dessa revista, a convite de Alfredo de Sousa. Nessa altura, Carlos Diaz Alejandro (1937-85), meu professor em Yale, publicou um artigo em português na revista *Economia*, dando origem ao aforismo que era a revista onde os portugueses escreviam em inglês e os estrangeiros em português.

¹⁴ Só existem três referências de 1971: M. Paillet, *Marx contre Marx la société technobureaucratique*, citada p.161 (p. 290 da BAN); S. Stojanovitch, *Critique et avenir du socialisme*, citada p.232 (p. 409), Z. Brzezinski, *La révolution technétronique*, citada p. 256 (p. 453) na qual se afirma «há cada vez menos empresários fundadores de dinastias, para haver sucessivas gerações de técnicos que se sucedem por cooptação» e em nota: “A sociedade tecnifica-se pelo cálculo. Nesta linha de análise mas ultrapassando já a visão schumpeteriana foi publicada recentemente uma obra estimuladora de reflexão, tanto ou mais do que as obras de Galbraith. Trata-se do livro de Zbigniew (sic) Brzezinski *Between two ages* cuja tradução francesa...”

¹⁵ Aí o encontrei por ocasião de um seminário que lá fui dar. De novo, a dimensão californiana que só descobri tarde na vida...

¹⁶ Usei TDE em Luanda nas aulas do Curso Superior de Economia durante o inesquecível ano lectivo de 1974/75, apoiado na apresentação em Morishima, *Marx's Economics: A dual theory of value and growth*, 1973 que usava algebra linear.

do PSD que me diz: “nem pense em ir-se embora: preciso de si na Católica!” E ofereceu-me a regência dos cursos de economia internacional e integração económica, quando as aulas estavam prestes a começar. Só que era na NOVA que Alfredo de Sousa precisava verdadeiramente de mim! Pouco depois, acompanhado por Cavaco Silva e José António Girão, levou-me a Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011), cujo parecer seria determinante para a contratação. Só me lembro que, perante o silêncio compungido de todos presentes, o decano dos historiadores económicos vociferou contra os trabalhos de meu pai, desde logo por não refletirem as aulas que ele lhe dera na Faculdade de Letras! Alfredo de Sousa atalhou que precisava de alguém como eu para reger o curso de desenvolvimento económico e pronto!¹⁷

Alfredo de Sousa insistiu para publicar nos Serviços Gráficos a minha tese de doutoramento, aprovada em Setembro de 1979. Durante a viagem de Alfredo de Sousa à costa leste no início de 1980, acompanhado de Carlos Barral¹⁸, apresentei-lhes Pentti Kouri (1949-2009), meu orientador, que entretanto partira para New York University num dia muito frio. Pentti, à porta de casa em *Washington Square Village*, falava da balança de pagamentos em mangas de camisa. Nós ouvíamos, de sobretudo, cachecol, gorro e luvas,. Quando seguimos caminho, Alfredo de Sousa não queria saber da balança de pagamentos mas como é que o lapão aguenta aquele frio!

Desafiou-me para fazer a agregação sem demora, e, em 23 de Março de 1982, presidiu ao júri que incluía Pinto Barbosa e Jacinto Nunes, além dos outros participantes no insólito encontro de contratação. Era então professor auxiliar em Princeton e ele perguntava regularmente pelo meu regresso à NOVA, ao que respondia sempre que sim, como já fizera quando estava em Yale, porque esperava que Alfredo de Sousa, que passou por cinco universidades, não seria homem duma escola só¹⁹.

FIGURA 5 PROTOCOLO

Quando voltei com mulher e filhos em 1984/85 fez-me outra oferta que não podia recusar: dirigir o Centro de Socioeconomia do Instituto de Investigação Científica Tropical, nos termos de um protocolo que assinara em 1980 com o respetivo presidente, membro da equipa governativa que o nomeara Reitor.

Aceitei, fui nomeado e agradei-lhe ter-se lembrado de mim. Sorriu e respondeu: “não me agradeça, mais ninguém quis”. Naquele Centro, em articulação com empresas exportadoras, foi promovida a criação da ELO – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e Cooperação, que este ano se integrou na CIP. A lusofonia global nasceu pois na ELO, como modelo de cooperação português que a sustentava. Mal sabendo que no IICT havia dezenas de centros como aquele, mas gentilmente aconselhado pelo outro signatário do protocolo de 1980, que se reformou em 2002, quando estava na

¹⁷Voltei a ver o saudoso Vitorino várias vezes em Lisboa e Paris, sem nunca evocarmos o insólito encontro Curiosamente, João Mesquita e José Pedro Castanheira transformaram Vitorino Magalhães Godinho em meu professor no *Expresso* de 10 de maio de 2008: “Terá como alunos, entre outros, Mário Soares, Rui Grácio, Jorge Braga de Macedo, Joel Serrão e Joaquim Barradas de Carvalho. Um grupo que não hesita em classificar como “uma lufada de ar fresco naquela Faculdade, que estava muito envelhecida”. Escrevi a chamar a atenção e concordaram...

¹⁸ Foi evocada a sua memória no palacete Henrique de Mendonça por José Neves Adelino que lhe sucedeu. Pedi esclarecimentos sobre a memorável viagem à viúva e recordei o delicioso jantar no River Café em Brooklyn.

¹⁹ Tal como as filiações nas pessoas, as pertenças múltiplas aplicam-se também aos países como tenho argumentado, por último na referência da nota 2 acima. Mas tenho um exemplo em contrário: em 19 de junho de 1980, James Tobin (1918-2002) foi eleito sócio correspondente estrangeiro da Academia de manhã e recebeu um doutoramento *honoris causa* pela NOVA à tarde. Durante essa memorável viagem, perguntou-me se tinha mudado de filiação o meu filho, nascido 3 anos antes na comunidade da *Hillhouse Avenue* em New Haven, que agora vestia uma T-shirt de Princeton e não de Yale. O João dava a entender que as filiações não eram mutuamente exclusivas!

OCDE, aceitei suceder-lhe. Ao tomar posse, agradei “à Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa todo o apoio que me prestou nas actividades desenvolvidas no Centro de Socioeconomia desde que, há vinte anos atrás, o falecido Prof. Alfredo de Sousa sugeriu o meu nome ao Prof. Cruz e Silva...Ainda ontem, no Conselho Científico da Faculdade, os colegas me desejaram boa sorte em promover a ‘nova economia’ no IICT”. Isso acabou por acontecer através da colaboração com a Academia das Ciências e a NOVASBE, facilitando a integração prevista na Universidade de Lisboa.

Chegado aqui, interrogo-me se não terá havido um terceiro momento definidor, quando me chamou ao seu gabinete no Campo Grande e criticou duramente a minha indiferença relativamente ao destino da Faculdade, acrescentando que o fazia perante o Presidente do Conselho Científico para vincar a dimensão institucional. Estupefacto, tentei defender-me com a investigação científica, mas, perante o silêncio do professor pai, despedi-me, pensando que não há justiça no mundo. Muitos mundos depois, foi a minha vez de apelar à participação dos investigadores no destino no Laboratório de Estado onde fui parar pela mão de Alfredo de Sousa!

Termino voltando ao desenvolvimento económico e ao parlamento, com Linda-a-Velha de permeio.

A 17 de Fevereiro de 1989, voltamos a encontrar-nos no doutoramento sobre “equilíbrio da pobreza” de João César das Neves na Católica, de quem eu era orientador e ele arguente vigoroso. Vindo da Comissão Europeia para suceder a Miguel Belezza como Ministro das Finanças, foi em Linda-a-Velha, numa das suas sardinhas *by the pool*, que vi Alfredo de Sousa pela última vez. Recebi a notícia do seu atropelamento mortal na Assembleia da República: como o meu economista constituinte, era então deputado do PSD doutorado em economia...

Aqui estou, onde Alfredo de Sousa me deixou, *still Novie after all these years*.

Anexo: Bibliografia

1. **Ensaio de análise económica do café**, 1958
2. **Comércio externo de São Tomé e Príncipe; subsídios para o seu estudo**, 1963
3. **S. Tomé e Príncipe: um caso de concentração**, 1963
4. O Desenvolvimento Comunitário: um método viável na Europa? **Análise Social** 1963 nº 1 pp. 113-118
5. Estruturas Socio-Económicas e Dialéctica de Culturas em África—I, **Análise Social** Vol. I, 1963 (n.º 3), pp. 423-458
6. A «preocupação económica» no Desenvolvimento Comunitário **Análise Social**, Vol. I, 1963 (n.º 3), pp. 464-468
7. **Organização e programas de desenvolvimento comunitário**, 1964
8. Estruturas Socio-Económicas e Dialéctica de Culturas em África—II, **Análise Social** Vol. II, 1964 (n.º 5), pp. 17-65
9. Economia e Sociedade em África — evolução actual **Análise Social** Vol. II, 1964 (n.º 6), pp. 249-295
10. **Economia e sociedade em Africa**, Lisboa: Livraria Moraes, 1965.
11. Novos aspectos da assistência técnica francesa aos países subdesenvolvidos **Análise Social**, Vol. III, 1965 (n.º 12), pp. 525-529
12. O horizonte temporal como factor cultural do comportamento económico **Análise Social** Vol. IV, 1966 (n.º 15), pp. 411-420

13. Ensaio de análise dos custos sociais da expansão urbana **Análise Social** Vol. 5, No. 19, 1967 pp. 384-404
14. A sobrevivência da Europa **Análise Social** Vol. V, 1967 (n.º 19), pp. 511-517
15. Algumas reflexões sobre a democratização do Ensino Superior **Análise Social**, Vol. VI, 1968 (n.º 20-21), pp. 248-253
16. **Fonctions de production dans l'industrie manufacturière portugaise (1953-65)**, 1969
17. Perfil da procura e perfil do investimento (em coautoria), **Análise Social** (1969, 487-511), tradução espanhola, **Trimestre Economico**, v. 37, n. 147, p. 463-487, jul./set. 1970
18. O desenvolvimento económico e social português: reflexão crítica **Análise Social** Dez 1970 393-419
19. **Funções de produção de Cobb-Douglas na indústria transformadora portuguesa**, 1970
20. *Teoria do Desenvolvimento Económico*, apontamentos policopiados, sem data, igual a *Desenvolvimento económico e social*, 1970/71.
21. Produtividade, salário e lucro, **Análise Social** Dezembro 1971, 79-95
22. Inflação e desenvolvimento em Portugal, **Análise Social** Março 1972, 317-369
23. **Em defesa da democracia** 1976
24. **Centrais nucleares em Portugal : projecto de livro branco** 1978 (em coautoria)
25. Portugallo. Sviluppo economico, disoccupazione e distribuzione del reddito, **Crisi economica e mutamenti politici nell' area mediterranea: problemi e prospettive delle relazioni industriali** organizado por Mário Pinto e Tiziano Treu, Roma : Edizioni lavoro, 1983.
26. **Análise económica**, Lisboa: SGUNL 1ª edição 1985 (2ª 1988, 3ª 1989)
27. **Portugal e os Portugueses : uma perspectiva diacronica**, Centro de estudos dos povos e culturas de expressão portuguesa, 1986.
28. **Análise económica, exercícios de economia**, Lisboa: SGUNL 1988
29. Políticas Monetária e Orçamental. A Viragem: 1973-1974, **Nova economia portuguesa : Estudos em homenagem a António Manuel Pinto Barbosa** (co-organizador), Lisboa: SGUNL, 1989
30. Os Anos 60 da Nossa Economia, **Análise Social** 1995 vol. XXX (133), 1995 (4.º), 613-630